

A Primeira Carta de João: Alerta sobre os Anticristos e a Esperança de Salvação

Em 1 João 2:18 o escritor inicia a segunda seção da carta. Na divisão anterior ele desenvolveu o tema da comunhão com Deus em uma exposição um tanto didática sem dar atenção especial à crise que motivou a carta ou à gravidade da situação. Ele apenas mencionou por alto a alegação dos falsos mestres de terem comunhão com Deus. Agora, João foca os hereges e expõe a gravidade da situação, caracterizando-os como “anticristos”. O autor também procura comunicar aos leitores sua própria urgência declarando que o surgimento desses anticristos é um sinal da “última hora” (2:18). O que está em jogo é o cerne da mensagem do evangelho conforme apresentado no prólogo à carta (1:1–3). Para que os cristãos tenham intrepidez na vinda de Jesus, devem permanecer em Cristo (2:28). Isso envolve justiça (2:29). Na vinda de Jesus, o presente atual de já serem nascidos de Deus se consagrará numa realidade completa (3:2).

A longa seção didática de 3:4–24 não deve ser considerada uma nova divisão. Ela aborda o dever ético do crente de praticar a justiça. Não é um tema novo, mas está interligado ao que diz 2:29 (“todo aquele que pratica a justiça”). O escritor discorre acerca do significado de ser gerado como filho de Deus (2:29) desviando-se desse dever que é tão urgente por causa da volta de Cristo. Ele volta a ela no ponto em que diz que aqueles que têm a esperança de se tornar como Cristo quando o virem “se purificam como ele é puro” (3:3). As implicações éticas disso são então desenvolvidas em 3:4–24.

Esboço: Parte Dois

I. OS FALSOS MESTRES SÃO ANTICRISTOS, UM SINAL DA ÚLTIMA HORA, 2:18–27

- A. Os falsos mestres são anticristos e sua ascensão é um sinal da última hora, 2:18

- B. A igreja agora está livre dos anticristos e é confirmada na verdade através da unção que ela tem, 2:19–21

- C. Os hereges negam que Jesus é o Cristo e assim são privados da comunhão com Deus e da promessa de vida eterna, 2:22–25

- D. A unção que os crentes receberam os ensina e os confirma contra os enganadores, 2:26, 27

II. A ESPERANÇA DE SALVAÇÃO DOS CRISTÃOS, 2:28–3:3

- A. Permanecer em Cristo (o que implica “praticar a justiça”) dá aos crentes confiança em face da esperada volta de Cristo, 2:28, 29

- B. Os crentes são filhos de Deus agora e aguardam a promessa de se tornarem como ele, 3:1–3

III. O DEVER ÉTICO DOS QUE PASSARAM DA MORTE PARA A VIDA, 3:4–24

- A. Aquele que permanece nele não peca, 3:4–10

- 1. Permanecer em Cristo exclui o pecado, 3:4–8

- 2. Nascer de Deus torna o pecado impossível, 3:9, 10

- B. A mensagem é que devemos amar uns aos outros, 3:11–20

- 1. A história de Caim e Abel ilustra a relação do bem e do mal com seus respectivos mundos, 3:11, 12

- 2. Ódio equivale a assassinato e nos priva da vida eterna, 3:13–15

- 3. O amor, ao contrário, se manifesta em boas ações como na vida de Cristo, 3:16–18

4. O amor nos dá confiança diante de Deus, 3:19, 20

IV. A CONCLUSÃO DA EXORTAÇÃO, 3:21–24

- A. Aqueles que fazem a vontade de Deus têm suas orações respondidas, 3:21, 22
- B. A vontade ou os mandamentos de Deus podem ser resumidos em crer em Jesus Cristo e amar nossos irmãos, 3:23
- C. Aqueles que assim cumprem os mandamentos de Deus mantêm a comunhão, um fato que se confirma pela habitação do Espírito Santo, 3:24

OS FALSOS MESTRES SÃO ANTICRISTOS, 2:18–27

Depois de assegurar seus leitores e adverti-los do amor ao mundo (2:12–17), João destaca a crença na divindade de Jesus Cristo como condição para se ter comunhão com Deus, tema ao qual retornará mais adiante na epístola (4:2ss.; 4:14ss.; 5:6). A intenção aqui é dar atenção especial aos falsos mestres que surgiram dentro da igreja (2:18). Este, de fato, é o motivo que levou João a redigir a epístola. João enfatiza o perigo dos falsos mestres: o surgimento deles é um sinal da “última hora”. Enquanto aguarda a vinda de Cristo, o crente não deve deixar de fazer o que é certo ou justo; somente assim ele poderá comparecer confiante diante de Cristo em sua Parousia. Mas a regeneração divina que o constituiu filho de Deus também implica em “praticar a justiça”. Diante dos perigos trazidos pelos falsos mestres, duas coisas protegem o crente da heresia: a palavra que permanece (v. 24) e a unção que receberam (vv. 20, 27).

Os falsos mestres são anticristos, 2:18

¹⁸Filhinhos, já é a última hora; e, como ouvistes que vem o anticristo, também, agora, muitos anticristos têm surgido; pelo que conhecemos que é a última hora.

[18] A declaração de que é uma **última hora** destaca o início da nova seção de João, assim como a “mensagem” de que Deus é luz destacou a primeira seção (1:5). Em grego, nenhuma ocorrência do termo **última hora** neste versículo contém o artigo definido “a”. Esse emprego do substantivo e do modificador sem o artigo enfatiza o aspecto qualitativo ou categórico; não se trata de uma última hora definida, como se poderia supor na ver-

são com artigo em português. João quer dizer que a situação ou o momento é de “última hora”. Em consonância com o uso de “hora” em seu Evangelho, onde a palavra significa um momento decisivo na história do mundo, um momento de importância gerado pelo aparecimento de Cristo no mundo (João 4:21, 23; 5:25, 28; 16:2, 4, 25, 32), o escritor se refere aqui a um tempo de estresse ou perigo relativo à história da salvação. Jesus havia predito que antes de sua Parousia haveria esses momentos decisivos (Marcos 13:5–7, 13). Esses tempos de perigo e crise surgem em decorrência do conflito com o mal. Não são necessariamente o fim real do mundo (Marcos 13:7, 8). Assim, o termo “última hora” em João não se refere a um segmento de tempo como a culminação de uma série na qual o fim está próximo. Esse período é denominado variadamente “os últimos dias” (Atos 2:17; 2 Timóteo 3:1; Tiago 5:3; 2 Pedro 3:3), “o último tempo” (Judas 18), “o fim dos tempos?” (1 Pedro 1:20). Nenhum desses termos se refere à vinda final de Jesus e ao fim do mundo. Mesmo que os escritores do Novo Testamento considerem a possibilidade de que Jesus em breve cumprirá a sua promessa de voltar (1 Tessalonicenses 5:1ss.; 2 Tessalonicenses 2:2; Romanos 13:11; 1 Coríntios 7:29ss.; 16:22; Filipenses 4:5; Hebreus 10:25; Tiago 5:8; 2 Pedro 3:9), eles só estão enfatizando a promessa e o fato de que, já que o dia e a hora são desconhecidos (Marcos 13:32), esses acontecimentos podem ocorrer a qualquer momento. Os escritores não fazem cálculos dessa data. Veja em Apocalipse 1:3; 3:11; 6:10; 22:7, 10, 12, 20 o mesmo tipo de linguagem usada para a provação da perseguição, e não para a segunda vinda.

Nesta seção da epístola, João se lembra da promessa da vinda de Cristo e do julgamento (2:28). Diante destes acontecimentos, qualquer tempo de prova e perigo adquire um significado maior e torna-se, de fato, uma última hora. João vê a crise provocada pelos falsos mestres como um momento de especial importância para seus leitores devido ao perigo de serem enganados (2:26). Ele classifica isso como algo típico dos tempos citados na advertência de Jesus e declara que **é a última hora**. O surgimento dos falsos mestres é visto como o sinal ou um sinal da última hora. O termo **anticristo** significa aquele que se opõe a Cristo, um adversário ou opositor. É diferente dos “falsos cristos” (*pseudochristoi*) que Jesus havia predito que surgiriam (Marcos 13:22; Mateus 24:24). Um falso cristo é aquele que alega falsamente ser o Cristo.

Anticristo só ocorre nos escritos de João (1 João 2:18, 22; 2 João 7) e se refere àqueles cujas ações se opõem aos interesses e ensinamentos de Cristo. Veja mais sobre o significado deste vocábulo no versículo 22. Tem sido parte da tradição da igreja anticristos se levantarem e sinalizarem tempos como essa última hora descrita por João. **Pelo que conhecemos que é a última hora**, acrescenta João.

A igreja é confirmada na verdade, 2:19–21

¹⁹Eles saíram de nosso meio; entretanto, não eram dos nossos; porque, se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco; todavia, eles se foram para que ficasse manifesto que nenhum deles é dos nossos. ²⁰E vós possuíis unção que vem do Santo e todos tendes conhecimento. ²¹Não vos escrevi porque não saibais a verdade; antes, porque a sabeis, e porque mentira alguma jamais procede da verdade.

[19] João agora identifica aqueles a quem ele chamou de **anticristos** na declaração anterior. São ex-membros que **saíram de nosso meio**. No versículo 22 ele sugere o motivo da retirada deles: haviam negado a verdade de que Jesus é o Cristo, uma negação que João discutirá mais detalhadamente em 4:1ss. e 5:6–12, onde os chama de falsos profetas. **Saíram** indica que os falsos mestres partiram por vontade própria e não por excomunhão. Paulo havia advertido os presbíteros de Éfeso: “dentre vós mesmos, se levantarão homens falando coisas pervertidas para arrastar os discípulos atrás deles” (Atos 20:29, 30). Outras passagens como 1 Timóteo 1:19s.; 4:1–4; 2 Timóteo 3:1–9; 2 Pedro 2:1ss.; Judas; Apocalipse 2:6, 14s., 20 fornecem o pano de fundo para entendermos a descrição da ruptura dos falsos mestres com a igreja. A existência dessas seitas facciosas no Novo Testamento, pela clareza com que são denunciadas, implica a existência de uma forma distinta de doutrina e comunhão na igreja primitiva. Apesar de almejar a unidade, a igreja primitiva não perdeu de vista o valor de permanecer naquilo que havia sido ensinado desde o princípio. João ensina que a apostasia é possível e que deve ser evitada.

João diz que eles saíram, **entretanto, não eram dos nossos**. A ideia é que, embora fizessem parte da membresia da congregação, eles não eram verdadeiramente convertidos. A pretensão de conversão e a identificação como membros da igreja

não eram provas da verdadeira identidade deles. Empregando uma frase condicional contrária ao fato, João acrescenta: **se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco**. Os falsos mestres já haviam deixado a igreja. A razão atribuída é que eles realmente não faziam parte da igreja; a conversão e dedicação deles a Cristo não eram autênticas. A frase “teriam permanecido conosco” usa uma forma do verbo grego *menein* (“permanecer”) que é uma das palavras especiais na epístola relativas a comunhão (veja 2:6). Eles não continuaram a se relacionar com a comunidade da igreja que haviam deixado porque, de fato, não desfrutavam de um relacionamento e comunhão permanentes com Deus.

Todavia, eles se foram para que ficasse manifesto que nenhum deles é dos nossos. O estilo de João é reforçado pela repetição (cinco vezes) do pronome “nossos”, referente à comunidade de discípulos fiéis. “Nenhum deles” (que traduz um nominativo masculino plural) é difícil. É comparável a 3:15 (onde a mesma construção é traduzida por “todo assassino não tem a vida eterna”). O sentido também pode ser “todos os que estão na igreja não pertencem realmente [necessariamente] ao Senhor”. No versículo 19, **eles se foram** não consta do texto grego, porém é necessário para completar o sentido da expressão idiomática de João, que diz apenas “mas para que” (*all' hina*, cf. João 1:8; 9:3; 13:8; 14:31; 15:25). Em 1 Coríntios 11:19 Paulo disse que havia um propósito, por providência divina, no surgimento de uma facção: o erro torna manifesto que os impostores não são autênticos. Em vez desses desvios abalarem a nossa fé no evangelho, devemos lembrar que Jesus não prometeu paz na terra, e sim espada (Mateus 10:34). Não se pode esconder a simulação para sempre (1 Coríntios 3:13; 4:5). O desmascaramento do hipócrita adverte os fiéis para que também não sejam enganados (Mateus 24:24; cf. 1 João 2:26).

[20] Embora alguns não fossem cristãos autênticos – “não eram dos nossos” -, João contrasta os que saíram com os que permaneceram fiéis, assegurando-lhes na próxima frase que ele sabe que eles conhecem a verdade: **E vós possuíis unção que vem do Santo**, atesta ele. A palavra traduzida por **unção** aqui é *chrisma*, que geralmente significa derramamento de azeite para unção ou fins rituais (por exemplo, Êxodo 29:7). É usada novamente por João duas vezes no versículo 27. Alguns comentaristas sugerem que João está fazendo aqui

um trocadilho com “anticristo”. No grego, *cristo* em “anticristo” contém a mesma raiz que a palavra grega para *unção*. Eles são *anticristos*; vocês são *cristos* (ungidos), pois vocês têm uma unção. Nas três ocorrências, “unção” é evidentemente usada no sentido figurado referindo-se ao ato de Cristo conceder o Espírito Santo aos seus seguidores. Em Israel, um oficial era empossado no cargo (sacerdote ou rei) por um rito de derramamento de óleo; veja 1 Samuel 16:13. Um ungido era chamado de messias. A palavra grega *christos* (= *messias*) significa “o ungido”. O Messias de Israel deveria ser ungido, não literalmente, mas pelo Espírito Santo (Isaías 61:11; Lucas 4:18). Veja ainda Atos 4:27 e 10:38: “Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com poder”. Em 2 Coríntios 1:21 e 22, Paulo fala da unção, conectando-a com as duas outras figuras para a dádiva da habitação do Espírito: “Mas aquele que nos confirma convosco em Cristo e nos ungiu é Deus, que também nos selou e nos deu o penhor do Espírito em nosso coração”. Parece claro, diante disso, que **unção que vem do Santo** denota a dádiva do Espírito Santo.

É de especial relevância a unção ser concedida pelo **Santo**, isto é, Cristo. A descrição de Jesus como santo é comparativamente rara no Novo Testamento. Visa expressar sua participação na santidade divina do Pai (1 Pedro 1:15s.; João 10:36). Em Lucas, a santidade de Jesus é fundamentada em seu nascimento milagroso (Lucas 1:35). Os espíritos imundos reconhecem sua presença como aquele que os destrói (Lucas 4:34; Marcos 1:24), e esse fato certamente enfatiza em Jesus o início da nova ordem espiritual. O “Santo” é um título messiânico (João 6:69; Atos 3:14; Apocalipse 3:7). Na qualidade de o Santo de Deus, Jesus, aqui, é quem concede a unção do Espírito.

Os gnósticos provavelmente alegaram (como os do segundo século) que tinham uma revelação ou um conhecimento secreto e que esse conhecimento era exclusivamente deles. Nesse cenário, **todos tendes conhecimento** é uma confirmação importante. Todo crente foi ensinado (João 6:44s.). Paulo enfatizou isso em Colossenses 1:28: “advertindo a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria, para que apresentemos todo homem maduro em Cristo”. Muitas passagens enfatizam essa certeza de que até o cristão mediano que aprendeu o evangelho o suficiente para obedecê-lo consegue reconhecer desvios daquilo que ele aprendeu com Cristo (1 Tessalonicenses 4:9; Roma-

nos 15:14, 15).

[21] Assim como em 2:12, João assegura a seus leitores que ele não está incomodado nem supondo que eles tenham os mesmos defeitos das pessoas que ele acaba de expor. Os falsos profetas que saíram ainda tentariam enganá-los (v. 26), mas seus leitores “possuem a unção e têm conhecimento”. João adverte e encoraja, mas confia nos membros das igrejas. **Não vos escrevi, diz ele, porque não saibais a verdade; antes, porque a sabeis.** Eles tinham o conhecimento correto da pessoa de Jesus Cristo desde o princípio (v. 24). “A verdade” é um dos termos favoritos de João. Tem fundamentos cristológicos: como Deus é amor, ou santidade, por isso ele também é a verdade. Não só o Pai, mas o Filho e o Espírito Santo (como o Espírito da verdade) são personalizados como a verdade em momentos diferentes (João 14:6, 17; 15:26; 16:13; 1 João 4:6; 5:6). Em sua vida, Jesus revela não só o Pai, mas também a verdade como revelação de Deus. O pano de fundo aqui é provavelmente João 8:31 e 32. Essa revelação será dada em sua totalidade na descida do Espírito Santo sobre os apóstolos (João 16:13). O Espírito, como o Espírito da verdade, ensinaria aos discípulos “todas as coisas” (João 14:26). Permanecendo firme nessa instrução, todo cristão pode estar confiante de que está amadurecendo e crescendo no conhecimento de Cristo. João tem certeza, então, de que seus leitores **sabem** a verdade. Além disso, ele sabe que eles reconheceriam a mentira de uma doutrina que negasse a verdade que eles haviam recebido desde o princípio, e concluiriam com ele que **mentira alguma jamais procede da verdade**. Qual seria essa mentira, ele vai informar mais adiante.

Hereges não têm comunhão com Deus, 2:22–25

²²**Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? Este é o anticristo, o que nega o Pai e o Filho.** ²³**Todo aquele que nega o Filho, esse não tem o Pai; aquele que confessa o Filho tem igualmente o Pai.** ²⁴**Permaneça em vós o que ouvistes desde o princípio. Se em vós permanecer o que desde o princípio ouvistes, também permanecereis vós no Filho e no Pai.** ²⁵**E esta é a promessa que ele mesmo nos fez, a vida eterna.**

[22] Os versículos 22 e 23 deixam claro a ideia central da declaração anterior de que mentira alguma procede da verdade. A verdade tinha a ver

com a pessoa de Jesus Cristo. Ele era a palavra encarnada, a Palavra da vida, que estava no princípio e se manifestou (1 João 1:1, 2; João 1:1ss.). Qualquer negação disso não era a verdade, pois era mentira: **Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo?** O artigo definido acompanhando o substantivo **o mentiroso** pode significar que essa pessoa é mentirosa *por excelência* (Stott), ou mais provavelmente (com Plummer) marca a mudança da mentira abstrata no versículo 21 para o mentiroso concreto ou pessoal aqui. Aquele que afirma ter comunhão com Deus enquanto anda nas trevas mente (1 João 1:6). Aquele que afirma conhecer a Deus, mas desobedece aos seus mandamentos, é mentiroso (1 João 2:4). Da mesma forma, aquele que nega Jesus é mentiroso.

Aqui João começa a lidar com o erro teológico específico dos falsos mestres. Mais tarde, ele tornará o assunto ainda mais explícito. Em 4:1ss. a negação consiste em que “Jesus Cristo não veio em carne”; em 4:15, que “Jesus não é o Filho de Deus” e em 5:1ss., que “Jesus não é o Cristo”, o qual veio “por meio de água e sangue”. Apesar de João não identificar o ensino mais adiante, o contexto parece indicar que a questão principal diz respeito à relação entre o Jesus-homem e o Cristo, Filho de Deus. Os docetistas e gnósticos posteriores geralmente ensinavam que Jesus nasceu como um homem comum e morreu como um homem comum. Acreditavam eles que no batismo de Jesus o Espírito divino, “Cristo”, veio sobre ele, mas o deixou antes da cruz. Assim, embora o “Cristo” fosse divino, Jesus não era. A pessoa representada no Espírito de Cristo não era a mesma que Jesus de Nazaré. Cerinto defendeu esse tipo de negação.

No versículo 18, João disse que o anticristo era esperado e que muitos anticristos já haviam surgido. Agora ele diz especificamente que negar que Jesus é o Cristo é uma marca do anticristo. O artigo definido “o” aqui certamente não personaliza o anticristo como “um grande anticristo pessoal que está por vir”, pois João disse que há muitos. O emprego do artigo indica “mencionado anteriormente”.

Negar que Jesus é o Cristo é negar **o Pai e o Filho**. Nos contextos do Evangelho de João, onde João está combatendo a negação judaica da messianidade de Jesus, a confissão geralmente compõe-se de duas partes: Jesus é o Messias; Jesus é o Filho de Deus (20:31; 11:27; e compare com 1:49). Quais são os antecedentes desse uso da expressão “Filho de

Deus” não está claro, embora o Salmo 2 sugira que o Messias ou Cristo seria o Filho de Deus. Jesus se considerava o Filho divino, que tinha um relacionamento espiritual íntimo com Deus, seu Pai – o que se confirma pelo uso de *abba*, a palavra aramaica peculiarmente íntima para “pai”. O autor de 1 João aceitou plenamente o termo Cristo como um nome para Jesus e o equipou a “Filho de Deus” (3:23; 5:13, 20). Qualquer negação de que Jesus é o Cristo envolve a negação dessa Filiação divina, tornando-se assim uma negação daquele que é Pai para ele.

[23] Ter **o Pai** significa possuí-lo como seu. “Aqueles que negam o Filho anulam seu próprio direito de serem chamados ‘filhos de Deus’: eles *ipso facto* se excomungam da grande família cristã na qual Cristo é o Irmão e Deus é o Pai” (Plummer). Portanto, **todo aquele que nega o Filho, esse não tem o Pai**. A comunhão com Deus como Pai só é possível mediante Jesus Cristo, o Filho. Jesus declarou que nenhum homem poderia vir ao Pai senão por ele (João 6:44). Somente aqueles que creem em Jesus têm o direito de se tornarem filhos de Deus (João 1:12). Assim como a aceitação do Filho e seu sacrifício é o caminho para o Pai, negá-lo é fatal para o relacionamento com o Pai. **Aquele**, por sua vez, **que confessa o Filho tem igualmente o Pai**. Essa certamente é a confissão de que “Jesus é o Cristo”, como mostra o versículo 22 e referências posteriores, como a confissão sobre os “espíritos” orientada em 4:1ss. e 5:5, 6. Compare com Mateus 16:16; Marcos 8:29; Romanos 10:9, 10. A confissão feita em um contexto antijudaico enfatizava que Jesus cumpre a promessa do Messias judeu (Cristo). Contrapondo o pensamento gnóstico, isso significaria que o Espírito-Cristo não só repousou em Jesus no batismo, mas na realidade encarnou nele.

[24] A cura para a incerteza possivelmente gerada pelo falso ensino dos anticristos é: **Permaneça em vós o que ouvistes desde o princípio**. Este conselho é sugerido incisivamente aos leitores de João pelo pronome pessoal grego equivalente a “vós”, inserido no começo da frase no texto original: “vós, permaneça em vós o que ouvistes...”. A força do conselho consiste em que outros podem negar ou estar em dúvida, mas não vocês, se estiverem firmados no ensino que lhes foi dado quando aprenderam o evangelho.

O que ouvistes desde o princípio simplesmente descreve o ensino básico do evangelho, especial-

mente sobre Jesus. Separar Jesus do Cristo é uma nova doutrina. Assim que se tornaram cristãos, os leitores de João foram instruídos na verdade (2:21). Firmados nela, tudo ficaria bem. Compare com 2:7ss., onde até o “novo” mandamento de Cristo é um antigo mandamento que eles tinham recebido desde o princípio.

Se as novas doutrinas forem rejeitadas e o antigo ou verdadeiro ensino for mantido, **também permaneceréis vós no Filho e no Pai**. As palavras **permanecer no Filho**, etc. são a maneira de João expressar a ideia de união e comunhão resultantes da obra de Deus em Jesus Cristo e da respectiva resposta do homem. Em 2:5 e 6, João usou as expressões “permanecer nele” e “estar nele” lado a lado. João também usou essa frase em 5:20, onde ela também é igualada a “ter o Pai”. Veja mais a respeito de **permanecer** no comentário sobre 2:6, 10, 28; 3:24; e João 14:12, 15, 16. Esse verbo é amplamente usado no Evangelho de João (João 15:1–10; 17:21–23). Compare especialmente com João 6:56–58, onde Jesus diz que aqueles que comem de sua carne e do seu sangue permanecem nele. Lá, a expressão equivale à promessa de vida. Assim, em 1 João 5:11 e 12, estar no Filho e ter o Filho são igualados a ter vida. Esse pensamento leva à próxima afirmação.

[25] A união com o Pai e o Filho mantida pelo permanecer no que foi ouvido desde o princípio significa vida, pois é por meio disso que se alcança a vida: **E esta é a promessa que ele mesmo nos fez, a vida eterna**. Ter o Filho significa ter a vida que está no Filho (5:11). Compare com João 17:3, onde conhecer o Pai é ter a vida eterna. Esta vida também é “eterna”, uma descrição qualitativa que significa a sublime vida interior. Isso lembra a declaração temática da epístola: que Jesus era “o Verbo da vida... a vida eterna que estava com o Pai e nos foi manifestada” (1:2). Observe em 1 João 5:11 e 12 que João iguala “ter o Pai e o Filho” com “ter a vida eterna”. Compare com 1:2; 3:15; 5:20.

A unção dos crentes, 2:26, 27

²⁶**Isto que vos acabo de escrever é acerca dos que vos procuram enganar.**

²⁷**Quanto a vós outros, a unção que dele recebestes permanece em vós, e não tendes necessidade de que alguém vos ensine; mas, como a sua unção vos ensina a respeito de todas as coisas, e é verdadeira, e não é falsa, permanecei nele, como**

também ela vos ensinou.

[26] A razão para escrever o parágrafo recém-concluído (vv. 18–25), diz João, tem a ver com os **que vos procuram enganar**. Esta declaração, vinculada às próximas declarações sobre a unção já recebida pelos leitores, visa tranquilizá-los (assim como as observações sobre o motivo que levou João a escrever os parágrafos sobre pecado e ódio, 2:1–6 e 2:7–11). Os anticristos negam Jesus Cristo e já se separaram dos discípulos. No entanto, eles ainda estão tentando enganar ou desviar os membros da igreja. A despeito dessas tentativas, os leitores estarão seguros desde que permitam que os ensinamentos que receberam desde o princípio permaneçam neles.

Este versículo nos diz muito sobre a situação que deu ocasião a esta epístola. Os falsos mestres já foram embora (2:19), mas não pararam de tentar influenciar os irmãos com seus falsos ensinamentos. João advertiu sobre os “espíritos” ou “falsos profetas” (1 João 4:1, 2). Ele sabia que esses mestres estavam tendo algum êxito com seu falso ensino, especialmente com os do mundo (1 João 4:5), e também que alguns irmãos estavam sendo influenciados de tal forma que estavam pecando – embora nem todos estivessem cometendo um pecado mortal (5:16, 17). Esta não é a única vez que João adverte contra o engano (por exemplo, 3:7). A instrução de João é uma advertência de que a exclusividade de Satanás é enganar. Ele tem o mundo ao seu alcance e estenderá seu poder sobre aqueles que se comprometeram com Cristo, se lhe derem oportunidade (5:19).

[27] A garantia do cristão contra aqueles que poderiam enganá-los é a **unção que dele recebeis**. Se o cristão permitir que essa unção **permaneca nele**, poderá ter confiança (v. 28). Veja mais a respeito dessa **unção** no comentário sobre o versículo 20. O contexto geral do Novo Testamento, e especificamente esta epístola, deixam bem claro que João se refere ao Espírito Santo. Este Espírito havia sido prometido aos discípulos como um mestre (João 14:26; 16:13s.) que permaneceria para sempre (João 14:16). Toda a verdade com respeito ao evangelho vem, em última análise, do Espírito Santo (1 Coríntios 12:3s.). O Espírito Santo havia feito sua obra, e os cristãos estavam vivendo dentro da estrutura de sua revelação e tinham essa unção habitando neles, por isso João podia afirmar: **não tendes necessidade de que alguém vos ensi-**

ne. Outras passagens ensinam essa mesma ideia: Jeremias 31:34, citado em Hebreus 8:11; compare com 1 Tessalonicenses 4:9; João 6:45. João obviamente não quer dizer que cada indivíduo tem seu próprio canal direto de comunicação por meio do Espírito Santo (embora, é claro, alguns tenham recebido o dom milagroso da revelação, 1 Coríntios 12:8s.). Muito menos quer ele dizer que se alguém sabe o suficiente para se tornar um discípulo, não precisa de mais nenhuma instrução ou admoestação. A igreja tem seus mestres (Efésios 4:11; 1 Coríntios 12:28) e seu ministério de ensino (2 Timóteo 2:24). João está contrapondo a obra deste Espírito na igreja à afirmação dos falsos mestres que negavam que Jesus é o Cristo. Sempre há que se comparar a “verdade” (2:21; 3:19), a “mensagem” (1:5; 3:11), “o que ouvistes desde o princípio” (2:24), ou a “palavra” (2:14) com o falso ensino dos enganadores. Observe que, quando João introduziu pela primeira vez a ideia da unção (vv. 20, 21), ela está em oposição ao “conhecimento da verdade”. Junto com a mensagem, o crente tem a unção, e a mensagem e a unção devem ser mantidas na perspectiva correta. O mesmo Espírito recebido na unção é o mestre do cristão desde o princípio. Em outras palavras, o crente não precisa de nenhum ensinamento que não venha a ele junto com esta unção: **mas, como a sua unção vos ensina a respeito de todas as coisas... permanecerei nele, como também ela vos ensinou.** Aqui alguns manuscritos mais recentes contêm “a mesma unção”, ou seja, a mesma que foi recebida inicialmente, ou mencionada anteriormente. No entanto, “sua unção” – a do Santo (v. 20) – é a melhor interpretação.

A base da confiança no ensino da unção (o Espírito Santo) é que ela **é verdadeira, e não é falsa.** O próprio Espírito Santo é a nossa unção, e tudo o que ele ensinou é verdadeiro e não falso. O fato de o Espírito fazer parte da natureza da Divindade revelada na Palavra de Deus torna impossível que ele minta. Ele é o Espírito da verdade (5:7).

A ESPERANÇA DE SALVAÇÃO DOS CRISTÃOS, 2:28–3:3

Depois de advertir sobre os perigos dos anticristos ou falsos mestres (2:18–27), João tranquiliza seus leitores. A esperança da salvação final está em permanecer em Cristo. Tendo em vista o julgamento (veja na “última hora”, 2:18), os cristãos só podem ter confiança nesse fundamento (2:28, 29). A esperança dos cristãos repousa no fato de que eles

já foram gerados como filhos de Deus e só precisam permanecer na santificação para serem transformados à imagem de Cristo em sua vinda, 3:1–3.

Permanecendo em Cristo, 2:28, 29

²⁸Filhinhos, agora, pois, permanecerei nele, para que, quando ele se manifestar, tenhamos confiança e dele não nos afastemos envergonhados na sua vinda. ²⁹Se sabeis que ele é justo, reconhecei também que todo aquele que pratica a justiça é nascido dele.

[28] João se dirige aos seus leitores como **filhinhos**, como no começo da seção (2:18, embora com uma palavra diferente: *paidia* lá; *teknia* aqui; cf. 2:1, 12). A admoestação repete a principal ênfase da seção anterior: permanecer nele, como já foi visto, enfatiza a contínua comunhão que temos nele se continuarmos obedecendo às instruções recebidas desde o princípio. Agindo assim, não sendo enganados pelos falsos mestres, garante João, **tenhamos confiança e dele não nos afastemos envergonhados na sua vinda.** Permanecer no Filho significa também manter comunhão contínua com o Pai.

A “manifestação” (*parousia*) de Cristo ou sua “vinda” refere-se à segunda vinda no fim dos tempos (veja Hebreus 9:28). As admoestações de João sobre o amor fraternal (2:8) foram inseridas em um contexto do mundo ou da era atual que está passando. A advertência sobre o surgimento do anticristo (2:18) é apresentada em um contexto semelhante à nossa época descrito como “a última hora”, cujo sinal é o surgimento dos anticristos. As advertências de João têm mais urgência por esse motivo. Tão certo como esta é a última era, Cristo virá novamente (Mateus 24:3; 1 Coríntios 15:23; 1 Tessalonicenses 2:19; 3:18; Tiago 5:7; 2 Pedro 1:16). No julgamento, aqueles que se mantiverem em comunhão com Deus (permanecerem nele) podem se apresentar confiantes e convictos; aqueles que abandonarem essa comunhão se afastarão envergonhados; veja 1 João 4:16–18 sobre isso: “O perfeito amor lança fora o medo”.

[29] A ideia do julgamento final e da possibilidade de o crente ter confiança e não se afastar de Cristo na sua vinda prefacia a exposição sobre a realidade da nossa filiação e a esperança da plena realização dos privilégios desse relacionamento na Parousia (2:29–3:4). As palavras **nascido dele** introduzem a ideia do renascimento do crente como

filho de Deus, uma ideia que ele desenvolverá em 3:1ss. Mas antes dessa abordagem, há uma nota ética. A confiança para comparecer no julgamento de Cristo decorre de um relacionamento pleno com o Pai. Esse relacionamento nasce da “justiça”, uma ideia relacionada ao “purificar-se a si mesmo” citado no fim do parágrafo 3:1–3. Praticar a justiça, ou seja, fazer o que é certo, é uma necessidade para quem quer comparecer perante o Filho na sua vinda.

Se sabeis que ele é justo chama a atenção para o caráter de Cristo. A frase não especifica diretamente que é Cristo, e não o Pai, que está em foco, mas o contexto da epístola parece deixar isso claro. Deus é justo, mas essa designação geralmente se refere à graça que acompanha a sua justiça e provê um meio pelo qual a justiça e o perdão podem ser obtidos pelo pecador (veja o comentário sobre 1:9). Cristo, porém, é o justo que guarda os mandamentos de Deus, que satisfaz as justas exigências de Deus, e que está assim qualificado para ser tanto a expiação do pecado como o advogado do pecador (veja os comentários sobre 2:1, 2). É Cristo, o justo, que João apresenta como modelo ético para o crente. Veja 3:7 e compare com 2:6; 3:6, 16; 4:17. Não há dúvida a respeito disso. Todavia, o texto apresenta uma dificuldade. João parece migrar da ideia de que Cristo é justo para o fato de que **todo aquele que pratica a justiça é nascido dele**. A ideia de nascer de Cristo não é comum; está associada ao Pai (João 1:13; 1 João 3:9; 4:7; 5:1; 4:18). Westcott solucionaria a dificuldade simplesmente pensando que o autor não está falando de Cristo separado da Divindade. O que o Pai faz o Filho faz. Outros solucionaram a dificuldade supondo que a construção linguística de João é elíptica ou fluida demais. Ele havia começado o parágrafo falando daqueles que permanecem em comunhão com Cristo. Assim como Cristo é justo por praticar a justiça, todo aquele que permanece em comunhão deve praticar a justiça. Mas aqueles que estão nesta comunhão e praticam a justiça também são nascidos de Deus, e esta ação é uma demonstração disso. Nessa composição das ideias, perde-se a sequência, e João fala do Cristo justo e depois dos filhos de Deus, que também devem ser justos.

Nascido dele introduz uma nova ideia na linguagem da epístola: a da regeneração divina ou filiação. Ele chamou Deus de Pai (1:3, 4; 2:1, 13, 15, 22–24), e muitas vezes falou da comunhão que temos com ele (1:3, 6) e descreveu esse relaciona-

mento por expressões como “estar nele” (2:5), “permanecer nele” (2:6, 24) e “tê-lo” (2:23). Doravante, João falará muitas vezes do mesmo relacionamento usando as expressões “nascido” ou “gerado de Deus” (3:9; 4:7; 5:1, 4, 18) e a ideia de que os crentes são “filhos de Deus” (3:1, 2, 10; 5:2). Deste ponto em diante predomina essa ideia de nos relacionarmos como filhos na família de Deus.

Os crentes são filhos de Deus, 3:1–3

¹Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus; e, de fato, somos filhos de Deus. Por essa razão, o mundo não nos conhece, porquanto não o conheceu a ele mesmo. ²Amados, agora, somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que haveremos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é. ³E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro.

[1] A menção dos **nascidos dele** em 2:29 sugere a ideia de **filhos de Deus**. O ponto principal de João é que os filhos são como o pai; uma vez que Deus é um Deus justo, os nascidos dele devem ser igualmente justos (veja **pratica a justiça** em 2:29). Depois de falar do maravilhoso o amor que nos torna filhos de Deus, João retoma a ideia de justiça no versículo 3: “e a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro”. A ideia remonta ao conteúdo do capítulo 1 sobre Deus ser luz e nele não haver trevas. A pureza de Deus exige pureza em seus descendentes.

A própria noção de **sermos chamados filhos de Deus** evoca admiração: **Vede que grande amor nos tem concedido o Pai**. A palavra traduzida por **que grande amor** (*potapēn*, cf. Mateus 8:27; Marcos 13:1; Lucas 1:29; 7:39; 2 Pedro 3:1) implica espanto. O amor de Deus, que permite que nos tornemos seus filhos, é tão grande e maravilhoso que não pode ser comparado com nada deste mundo. É um amor celestial, característico do próprio Deus. Veja a expressão de admiração de Paulo sobre o mesmo assunto em Efésios 3:19. “Deus é amor” é um dos temas principais da epístola de 2:28 em diante. Nesta seção há quarenta e seis ocorrências da raiz da palavra grega traduzida por amor e outras formas derivadas.

A frase **nos tem concedido** é bastante

interessante. Deus não só teve o amor, ele o mostrou em Jesus; e ele **nos tem concedido** (tempo perfeito) esse amor de modo constante em nossas vidas. O fato concreto toma o lugar do abstrato. Dando-nos o privilégio da filiação, Deus nos concede o seu amor. E a prova disso é **sermos chamados filhos de Deus**. A nossa filiação é o fim ou o alvo do amor de Deus. “Filhos” no grego é *tekna*, de *tekein*, gerar. A diferença entre “filhos” e “crianças” não é grande, e *teknon* pode ser traduzido por ambos os termos, dependendo do contexto. Somos **chamados** filhos de Deus; mas este não é meramente um título vazio, pois João diz que isso é exatamente o que somos: **E, de fato, somos filhos de Deus** é a simples declaração de um fato, por mais sublime que seja. O conceito de filiação começa com Jesus se entendendo Filho de Deus e Deus se declarando seu pai espiritual (veja a nota sobre 1 João 2:22 e compare com Marcos 14:3). Essa ideia é retomada no ensino da igreja primitiva de que esse mesmo relacionamento espiritual se estende aos cristãos, e a prova disso é a dádiva do Espírito Santo pelo qual clamamos “Aba, Pai” (Romanos 8:15; Gálatas 4:6).

Na opinião de vários comentaristas, João está contrastando a nossa atual existência na carne como filhos com a condição celestial ou espiritual dos chamados filhos de Deus. Em outras palavras, essa expressão geralmente nos remete ao mundo oculto dos seres celestiais. Os anjos são especialmente descritos como “filhos” de Deus (Lucas 20:36). A maravilha é que aos pecadores desta terra foi concedido o *status* de filhos de Deus, um título descritivo dos seres celestiais. No entanto, este já é o nosso *status* aqui, e a semelhança total nos é prometida na ressurreição, onde o veremos como um ser real. Enquanto isso, nossa tarefa é depositar toda a esperança em alcançar essa ressurreição pelo processo de santificação (v. 3).

Embora sejamos filhos de Deus, **o mundo não nos conhece**. Mas o fracasso do mundo em reconhecer a realidade de nossa filiação divina não deve nos desanimar. A mesma coisa aconteceu antes: o mundo **não o conheceu a ele mesmo, e por essa razão, o mundo não nos conhece**. Aqui “ele” pode se referir a Deus Pai ou ao Filho. Se João se refere ao Pai, a ideia é que o mundo nunca reconheceu a realidade de Deus em nenhum sentido espiritual verdadeiro. Se João se refere ao mundo (o que parece mais provável por causa do aorismo histórico sinalizado pelo verbo “conhecer”), a

ideia é que eles viram o Jesus humano, mas não o reconheceram como o Filho de Deus. Jesus predisse que o mundo mataria os cristãos, “isto farão porque não conhecem o Pai, nem a mim” (João 16:3). Os cristãos conhecem a Deus por revelação e o Filho pelo que Deus revelou por meio dele: “E sabemos que o Filho de Deus é vindo e nos tem dado entendimento para reconhecermos o verdadeiro” (1 João 5:20a; cf. Colossenses 3:1ss.).

[2] João reitera o que **somos** afirmado na frase anterior: ele assegura a seus **amados** que, **agora, somos filhos de Deus**. Já neste mundo, desfrutamos desse relacionamento. De modo absoluto, não poderia ser assim, pois há sentidos em que “filhos de Deus” se refere à criação celestial de Deus. Portanto, há limitações em nossa atual filiação; ainda estamos na carne. Mas essas limitações não negam nossa filiação; somos realmente seus filhos porque somos “nascidos dele” (2:29). Só nos falta uma coisa: ainda estamos na carne e, portanto, não somos semelhantes ao seu corpo espiritual transformado e glorificado. Mas João passa por cima disso com a certeza de que, conquanto **ainda não se manifestou o que haveremos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele**. Não nos foram reveladas a maneira exata como seremos transformados nos filhos espirituais de Deus na ressurreição nem a natureza exata de nossa futura existência. João, porém, garante que essa mudança acontecerá. Apesar de as preposições empregadas por João não determinarem se ele se refere a Deus Pai ou ao Filho, ele deixa claro que a aspiração interior do santo de se tornar semelhante à Divindade se efetivará assim que ele vir a Deus na Parousia, ou vinda de Cristo.

João não revela exatamente qual é a relação entre vê-lo e se tornar semelhante a ele. Alguns destacam o fato de que alguns sistemas gnósticos e filosóficos defendiam que a união mística com Deus era alcançada assim que ele fosse realmente visto. Se o autor pressupõe essa ideia em uma forma cristianizada aqui não está claro. João simplesmente garante o fato de que, quando o virmos, seremos semelhantes a ele. Compare com Mateus 5:8; Apocalipse 22:4 e 1 Coríntios 13:12.

[3] A revelação de que os cristãos, como filhos de Deus, serão semelhantes a ele, quando o virem, é descrita como a esperança do cristão. Essa esperança traz consigo o corolário que enfatiza a responsabilidade do filho de reconhecer a natureza do pai. Se alguém tem a esperança de finalmente

ser semelhante a Cristo, deve, então, **a si mesmo se purificar... assim como ele** (Cristo) **é puro**. A gratificação que a promessa dá – que somos de fato filhos de Deus aqui e agora e seremos transformados à imagem de Cristo em sua vinda – não deve levar os crentes a uma falsa sensação de tranquilidade. As exigências de ser filhos de um pai justo são que também sejamos justos (veja 2:29) – que “pratiqueemos a justiça”. João enfatiza as exigências éticas que nossa salvação impõe como seu complemento. Somos filhos de Deus; devemos nos tornar tal como fomos aceitos. Isso significa que nos purificamos (*hagnizein*) como ele é puro.

A forma verbal *hagnizein* na maioria das vezes tem um significado cultural e descreve aquele que se separa do que é profano (isto é, do que não é consagrado a Deus) e se dedica ao que é santo (isto é, o que pertence a Deus). Fora do contexto de santidade divina, o termo geralmente se aplica ao sentido de pureza moral e sinceridade. De fato, é tênue a linha entre *hagios* (“santo”) e *hagnos* (“sacro” no sentido de consagrado). O termo que João usa aqui ocorre em outras passagens para definir a pureza ética e moral, a qual é o pressuposto para a nossa salvação; veja Tiago 4:8 (sobre a purificação do coração); 1 Pedro 1:21; 1 Tessalonicenses 5:23; e 2 Tessalonicenses 2:13.

DEVERES ÉTICOS, 3:4–20

O versículo 4 explora o tema do dever ético do filho de Deus. A seção seguinte (3:4–20) expande as implicações de 2:29 (“todo aquele que pratica a justiça”) e 3:3 (“a si mesmo se purifica... assim como ele é puro”). Nesta seção, afirma-se intensamente que quem permanece nele não vive pecando (3:4–10), depois a mensagem do novo mandamento de amar uns aos outros é retomada como uma ilustração do que significa “praticar justiça” (3:11–20).

Aquele que permanece nele não vive pecando, 3:4–10

⁴Todo aquele que pratica o pecado também transgride a lei, porque o pecado é a transgressão da lei. ⁵Sabeis também que ele se manifestou para tirar os pecados, e nele não existe pecado. ⁶Todo aquele que permanece nele não vive pecando; todo aquele que vive pecando não o viu, nem o conheceu.

⁷Filhinhos, não vos deixeis enganar por ninguém; aquele que pratica a justiça é justo, assim

como ele é justo. ⁸Aquele que pratica o pecado procede do diabo, porque o diabo vive pecando desde o princípio. Para isto se manifestou o Filho de Deus: para destruir as obras do diabo. ⁹Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática de pecado; pois o que permanece nele é a divina semente; ora, esse não pode viver pecando, porque é nascido de Deus. ¹⁰Nisto são manifestos os filhos de Deus e os filhos do diabo: todo aquele que não pratica justiça não procede de Deus, nem aquele que não ama a seu irmão.

[4] O versículo 4 introduz o oposto das declarações anteriores, porém, como é característico de João, ele não apresenta unicamente a negativa da ideia anterior: **Todo aquele que pratica o pecado também transgride a lei**. A **transgressão** é a conduta praticada como se não houvesse lei. É um desrespeito arbitrário pela lei, o oposto de justiça; veja Romanos 6:19a; 2 Coríntios 6:14; Mateus 23:28. **Prática** (literalmente “faz” pecado) é usado também em 2:29. Em ambas as passagens o tempo verbal exprime ação duradoura ou contínua: cada ser humano está inclinado a “praticar a justiça” (“fazer o que é correto”; NTLH) ou “praticar o pecado”.

A intenção de João é destacar a seriedade da conduta errada. No grego, pecado é “errar o alvo”. É deixar de viver à altura do que se poderia. Este conceito não deve ser interpretado como mera deficiência, uma falha em atingir o potencial. Na Bíblia, pecado é muito mais sério. É transgressão da lei divina revelada ou rebelião contra ela. João talvez esteja corrigindo os falsos mestres propensos a se colocar acima ou isentos do pecado (1:6, 8; 2:4) e que relativizavam a aprovação divina a uma questão de mero conhecimento ou realização de ritos religiosos e à aceitação da verdade revelada sobre religião. Deve-se lembrar que em todo sistema religioso existe uma constante tentação de separar a conduta ética e moral da prática de ritos ou formatos de adoração. Um cristão pode esquecer de que o Deus por ele adorado é santo e exige esse estilo de vida de seus filhos (1 Pedro 1:15). Até mesmo a doutrina da justificação de Paulo – que os crentes foram justificados ou “declarados justos” pela fé na morte do Filho de Deus como um dom de sua graça ou favor imerecido – foi deturpada para dar licença ao pecado (Romanos 6:1s.), ocasionando a excelente exposição de Paulo sobre não oferecer os membros do corpo ao pecado e à trans-

gressão da lei, mas à justiça (Romanos 6). O pecado tem seu salário: a morte (Romanos 6:23).

[5] À dura realidade de que o “pecado é a transgressão da lei” (v. 4), João acrescenta aquilo que, segundo ele, seus leitores já sabem: **que ele se manifestou para tirar os pecados**. O pecado é incompatível com Cristo, e este fato se explica melhor talvez porque o propósito da encarnação do Filho era destruir o pecado. É uma incoerência com este fato viver pecando ou transgredindo a lei! A referência a Cristo tirar os pecados é provavelmente João 1:29: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”. A única diferença é que em uma passagem “pecado” no singular tem o sentido abstrato e na outra, designa manifestações isoladas na vida de uma pessoa. Em ambos os casos, ao se sacrificar a si mesmo, Jesus anulou o pecado no mundo.

Jesus tirou os pecados porque **nele não existe pecado**. O pecado não teve poder sobre Jesus (1 Pedro 2:22–24). Jesus não pecou (2 Coríntios 5:21; Hebreus 7:26; 1 Pedro 1:19); e era seu propósito destruir o pecado e seu autor para que seus seguidores vivessem em retidão (Hebreus 2:10; Mateus 12:28; Lucas 10:18ss.; João 12:31; Colossenses 2:15). É óbvio que se alguém como esse Cristo, que veio para tirar os pecados, está operando na vida dos crentes, eles se comportarão com retidão e se purificarão assim como ele é puro (3:3).

[6] Um argumento é agora extraído da declaração da natureza sem pecado de Cristo. O caráter de Jesus condiciona a relação entre ele e o discípulo para que **todo aquele que permence[r] nele não viv[a] pecando**. Há uma contradição entre um Senhor perfeito e sem pecado e um seguidor que peca continuamente. Aquele que peca prova que não **o viu, nem o conheceu**. João já mencionou a necessidade de permanecer em Cristo (veja os comentários sobre 2:6), que descreve principalmente a comunhão com Cristo. “Ver” Cristo é tornar-se espiritualmente consciente de sua presença (veja 3 João 11); “conhecê-lo” é reconhecê-lo como sendo o que ele afirma ser, e isso inclui sua pureza ou impecabilidade (veja João 1:10 e Mateus 7:21). Pecar é deixar de vê-lo e de conhecê-lo e, assim, demonstrar que não se está nele.

Há duas maneiras de entender a natureza absoluta das declarações de João neste e nos próximos versículos (especialmente no v. 9). Especialmente, se levarmos em consideração a tradução de algumas versões, como a RC, que diz: “Qualquer

que permanece nele *não peca*” (v. 6; grifo meu), haverá uma aparente contradição entre essa declaração direta e as declarações anteriores, como 1:8 e 10, onde João diz que “se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos”. A primeira maneira de interpretar essas declarações é entender que João está usando paradoxos. Ele está deliberadamente denunciando a diferença entre o discípulo verdadeiro e o discípulo falso – expondo o caso com exagero, por assim dizer, a fim de destacar a verdade. Na afirmação: o filho de Deus **não vive pecando** (ou **não pode pecar**), ele está apresentando o ideal. O autor não está dizendo que o cristão não peca; ele está expondo a regra geral ou a característica da vida de um santo e pecador e destacando-a como a descrição específica dessa pessoa. João atribui um valor absoluto ao que é apenas a característica predominante. O filho de Deus, embora gerado por Deus, peca; mas o pecado não é a regra ou a coisa natural para ele. Se João estivesse lançando aqui um paradoxo – o filho de Deus “nunca” peca -, isso indicaria que a situação em 1:8 e 10 é bem diferente desta. Na primeira passagem, João combate o perfeccionista que afirma estar isento de pecado; na segunda passagem, ele combate o imoralista (que pode até ser a mesma pessoa) que afirma que pecar não importa, desde que a pessoa seja nascida de Deus. O ponto é que a impecabilidade é o padrão absoluto e o único condizente com a natureza da filiação.

A segunda maneira de interpretar esses versículos é principalmente observando a construção gramatical. João usa em toda a seção um tempo presente de ação contínua, referindo-se em cada caso à ação habitual. Uma boa tradução seria: “não continua pecando”, “não pode viver continuamente em pecado”. Isso torna as declarações absolutas de João muito menos rígidas do que sugerem algumas versões como a RC. O tempo perfeito, que expressa a condição presente de um ato passado, é combinado nas expressões “aquele que é nascido de Deus (e que continua nesse estado de ter sido gerado) não vive na prática de pecado”. Assim se indetificam os filhos de Deus e os do diabo: vivem estilos de vida diferentes.

É difícil decidir qual é a interpretação que estava na mente de João. Se o uso do tempo presente for intencional (como parece ser), então João está enfatizando esse modo habitual ou característico de viver e agir, chamando a atenção para a necessidade de purificar nossas vidas. Dodd defende que

essa ênfase no tempo verbal foi mais sutil do que João havia planejado ou do que um leitor comum era capaz de perceber. Dodd também se refere a declarações em documentos judaicos contemporâneos ou anteriores que mencionam que a era messiânica seria caracterizada pela impecabilidade na vida daqueles que aceitaram o Messias. Sendo assim, Dodd prefere a primeira solução: que João usa paradoxos ou declarações aparentemente contraditórias. Todavia, a estrutura gramatical parece enfatizar intencionalmente os tempos presente e perfeito de uma maneira que o leitor grego perceberia. É mais provável que Plummer esteja correto, então, ao enfatizar que:

São João não diz isso de todo aquele que comete um pecado, mas do pecador habitual (participio presente). Embora o crente às vezes peque, não é o pecado, e sim a oposição ao pecado, que constitui o princípio predominante que rege a sua vida; pois sempre que ele peca, o confessa e obtém o perdão e persevera sendo ele mesmo purificado.

[7] Uma vez que as almas de seus amados irmãos estão em perigo, João soa a nota de advertência. Nisto ele nos permite entender o motivo desse contraste entre pecado e justiça. “Os que vos procuram enganar” (2:26), os anticristos de 2:18ss., ameaçam os filhinhos de João com sua doutrina insidiosa de que alguém pode ser justo (aceitável diante de Deus) e continuar a pecar. João implora que seus “filhinhos” não permitam que ninguém os desvie impondo essa falsa doutrina.

A regra prática que os salvará da ilusão enganosa sobre o pecado é: **aquele que pratica a justiça é justo, assim como ele é justo.** Justo como um adjetivo pode se referir ao Pai ou a Cristo. Aqui provavelmente aponta para Cristo, como em 2:1s. e 2:29. No pensamento de João a ideia não é, como em Paulo, a declaração forense de justiça. Justo **como ele é justo** refere-se a Cristo como aquele que cumpre as exigências de Deus em perfeita obediência à vontade dele (veja os comentários sobre 2:1s.). Só é justo aquele que pratica a justiça, ou seja, faz o que é correto. O padrão pelo qual alguém deve determinar a conduta correta é a justiça de Cristo. João acaba de dizer que em Cristo não há pecado. Ele faz a vontade do Pai. Engana-se quem pensa que o pecado na vida dos justificados pelo sangue do Salvador é uma questão irrelevante.

[8] João apresenta mais uma razão para os cristãos evitarem o pecado: sua origem. Pecar não é simplesmente errar o alvo ou se desviar do ca-

minho certo. A seriedade do pecado se demonstra na revelação da filiação espiritual do pecador. **Aquele que pratica o pecado procede do diabo.** Aqui novamente o participio presente em grego significa ação contínua, referindo-se ao pecado habitual. Aquele que vive assim mostra que Satanás, e não Deus, é seu pai. Jesus ensinou isto em João 8:44. No versículo 10, João dirá claramente “filhos do diabo”. João não fala de terem nascido do diabo, como no caso dos filhos de Deus. No entanto, a implicação é quase a mesma. O pecado procede de Satanás, e viver pecando é a conduta e a natureza de Satanás. A respeito da expressão proposicionada (“do diabo”) designando a relação pai-filho, chamando a atenção para a semelhança interna de natureza entre as pessoas envolvidas (Arndt-Gingrich), compare “vós sois do diabo, que é vosso pai” (João 8:44) com “filho do diabo” (Atos 13:10) e “filhos da ira” (Efésios 2:3).

Em que sentido o diabo vive pecando **desde o princípio** não está claro. Se ele pecou desde o momento de sua existência, ele não é uma criatura caída e rebelde. Desde o princípio (do pecado) pode ser o que João tinha em mente. O diabo foi o primeiro pecador, e ele tem pecado desde então. Outra possibilidade é que João quer dizer: desde o princípio do pecado neste mundo – desde o momento do pecado do homem – o diabo tem sido a causa ou origem do pecado. Mas esta última sugestão não parece cumprir as exigências linguísticas – que o diabo pecou desde o princípio.

João novamente (como no v. 5) contrasta o pecado e aqueles que pecam com o propósito da vinda de Cristo ao mundo: **Para isto se manifestou o Filho de Deus: para destruir as obras do diabo** (veja Hebreus 2:14). A destruição é descrita no original como uma “perda” das obras de Satanás. O verbo *luo* neste sentido significa levar ao fim ou terminar. As obras de Satanás não são destruídas no sentido de que ele não pode mais operar (como provaram os esforços dos anticristos), mas o diabo é vencido pela obra de Cristo, e o cristão que utiliza o poder vitorioso de Cristo pode negar, limitar e, pelo perdão de Cristo, erradicar de sua vida o mal do pecado: ele “tira os pecados” (v. 5). Cristo nos ajuda através do seu Espírito a mortificar as obras da carne em nossas vidas (Romanos 8:13).

[9] Em contraste com a afirmação de que aqueles que cometem pecado são do diabo, João agora afirma intrépida e absolutamente: **Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática**

de pecado. Novamente João usa o tempo presente de ação contínua ao falar do pecado: vive (ou continua) na prática de pecado. Mas o tempo do verbo **nascido de Deus** é perfeito em grego: **aquele que é nascido de Deus** (e que continua nesse estado). Se João pretendia enfatizar o tempo, a afirmação é um truísmo. Deus é por natureza sem pecado. Aquele que nasce dele, sendo assim feito à semelhança de sua natureza, na medida em que permanece filho de Deus, não continua cometendo pecado.

A explicação de João condiz com este entendimento: **pois o que permanece nele é a divina semente; ora, esse não pode viver pecando, porque é nascido de Deus.** O significado exato da expressão **a divina semente** não está claro. A palavra grega é *sperma*, literalmente “semente”. Uma possibilidade de interpretação é que no renascimento espiritual do filho de Deus, na conversão, há um implante, um poder renovado e transformado em nossas vidas, um “lavar regenerador e renovador do Espírito Santo” (Tito 3:5), pelo qual fomos feitos coparticipantes da natureza divina (2 Pedro 1:4). Essa nova vida pode ser chamada de “semente divina” (Westcott e outros). Outro significado sugerido na nota marginal da versão inglesa RSV é que “semente” tem o significado figurativo comum de descendentes ou descendência (como em “semente de Abraão”). **Permanece nele**, então, significaria que ele (o nascido de Deus) permanece em Deus, o qual o gerou. Ainda outros comentaristas acreditam que o Espírito Santo ou a palavra de Deus é o referente de “divina semente”. João ensina que, como cristãos, recebemos o Espírito Santo (1 João 4:13, “[Deus] nos deu do seu Espírito”). Este Espírito, que, segundo Paulo, “habita em nós” (Romanos 8:9ss.), é um meio pelo qual mortificamos as obras da carne (Romanos 8:13). O Espírito nos ajuda a vencer o pecado e produzir os frutos do Espírito (Gálatas 5:22ss.). Todavia, não há apoio para o termo “semente” significar o Espírito Santo. Por fim, é natural que se pense na palavra de Deus como a semente germinal que permanece no filho de Deus, pois no ensino do Novo Testamento a palavra está intimamente associada ao novo nascimento ou regeneração. Primeira Pedro 1:23 afirma: “fostes regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente” (cf. Tiago 1:18 e Lucas 8:11).

Todas essas ideias representam alguma faceta do ensino bíblico. Mas qual é o significado mais provável que João tinha em mente? Sabemos pelas

declarações dos escritores da igreja primitiva que os gnósticos ensinavam que uma vez que o gnóstico havia renascido ou sido iluminado, a natureza ou semente divina permanecia nele e se tornava um poder nele tornando-o espiritual por natureza (Irineu, *Contra as Heresias* I, 1, 11; Hipólito, *Refutação de Todas as Heresias* V, 8, 112s.; Clemente de Alexandria, *Excertos de Teódoto* 1, 2, 38, 40, 49, 53). É mais provável que João se refira a essa situação. Contrariando a alegação gnóstica do renascimento e seu efeito, João está estabelecendo o conceito cristão do novo nascimento. O pano de fundo para isso são as promessas do Antigo Testamento a Israel de que na nova era Israel receberia um “novo coração” e um novo “espírito” (veja Jeremias 24:7; 32:40; Ezequiel 11:19; 36:26, 27). No Novo Testamento essa mudança é descrita como um “nascimento da água e do Espírito” e “um novo nascimento” (João 3:5) e uma “renovação do Espírito Santo” (Tito 3:5), relacionada com o batismo descrito como o “lavar regenerador”. Outras passagens enfatizam o papel da palavra nessa regeneração (1 Pedro 1:23–25). João talvez estivesse usando “semente” como uma metáfora para a vida que o Espírito Santo concede. A vida divina assim gerada pelo Espírito no novo nascimento permanece no filho de Deus e torna o pecado impossível para ele.

[10] Referindo-se à exposição anterior de que a semente divina permanece no filho de Deus e este não pode viver pecando porque é nascido de Deus, João diz: **Nisto são manifestos os filhos de Deus e os filhos do diabo.** E conclui ao mesmo tempo em que resume o assunto acima exposto: **todo aquele que não pratica justiça não procede de Deus.** Isso está de acordo com o versículo 7: “Aquele que pratica a justiça é justo, assim como ele é justo”. **Praticar justiça** significa, como sempre (2:29; 3:7), guardar ou obedecer aos mandamentos ou à vontade de Deus. Faz parte do processo de purificar-se assim como ele é puro (3:3). É o oposto de “praticar o pecado” ou “a transgressão da lei” (v. 4).

Este versículo reafirma o propósito da seção 3:1–9. João está apresentando os meios de identificar os filhos de Deus (3:1) e os filhos do diabo, que podem ser conhecidos pelo que fazem ou como agem. Novamente João talvez não esteja falando em termos absolutos. O filho de Deus peca. Todavia, como explicou João, o filho de Deus pode ser identificado na regra geral da vida ao exibir a natureza de seu Pai em suas ações. Tudo isso provavelmente é para refutar aqueles que sustentam que

têm comunhão com Deus e o conhecem, mas que não tentam andar como ele andou.

Embora João tenha sugerido essa distinção antes (em “do diabo”, v. 8), aqui, pela primeira vez, as duas classes são especificadas – os filhos de Deus e os filhos do diabo. Cada classe manifesta sua filiação por praticar ou não a justiça, ou seja, por fazer ou não o que é certo. Não há terreno neutro. Dodd bem observa que “os sofismas podem facilmente provar que o mal é um aspecto do bem, assim como o erro é um aspecto da verdade. Mas verdade e falsidade, bem e mal, certo e errado, Deus e o diabo são opostos irreconciliáveis”.

João introduz a seguir um novo elemento na exposição sobre como os filhos de Deus são identificados: não procede de Deus **aquele que não ama a seu irmão**. Isso retrocede à exposição sobre o amor em 2:7–11. É uma espécie de “adendo” à exposição atual. Amar os irmãos, obviamente, é um aspecto da prática da justiça, porém aqui esse adendo é uma transição para o próximo assunto.

Devemos amar uns aos outros, 3:11–20

Nos versículos 11–20, João volta a falar de amor como prova de quem “anda na luz”. Ele já havia abordado esse tema numa concisa introdução em 2:7–11. E desenvolverá o mesmo assunto em 4:7–21; 5:1 e 2. Em 2:7ss. João trouxe à lembrança de seus leitores o ensino de Jesus de que o amor é um mandamento antigo que eles receberam desde o princípio e também um “novo” mandamento. Ali o amor foi contrastado com o ódio e, por sua vez, o ódio foi retratado como causa de tropeço. E essa exposição teve como contexto a nova era de luz em contraste com a era de trevas que “se vão dissipando” (2:8). Nesta seção (3:11–20), João mais uma vez afirma que o amor faz parte da instrução inicial. Ele cita o ódio de Caim como um tipo de ódio daqueles que são do mundo, os quais odeiam os cristãos. A seguir, João declara que o ódio é assassinato e priva quem o pratica de ter a vida eterna (vv. 13–15), enquanto o amor é demonstrado pela manifestação de boas obras como aconteceu na vida de Cristo (vv. 16–18). E, por fim, o amor concede ao cristão fiel confiança na oração.

¹¹Porque a mensagem que ouvistes desde o princípio é esta: que nos amemos uns aos outros; ¹²não segundo Caim, que era do Maligno e assassinou a seu irmão; e por que o assassinou? Porque as suas obras eram más, e as de seu irmão, justas.

¹³Irmãos, não vos maravilheis se o mundo vos odeia. ¹⁴Nós sabemos que já passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos; aquele que não ama permanece na morte. ¹⁵Todo aquele que odeia a seu irmão é assassino; ora, vós sabeis que todo assassino não tem a vida eterna permanente em si. ¹⁶Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a sua vida por nós; e devemos dar nossa vida pelos irmãos. ¹⁷Ora, aquele que possuir recursos deste mundo, e vir a seu irmão padecer necessidade, e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus? ¹⁸Filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas de fato e de verdade.

¹⁹E nisto conheceremos que somos da verdade, bem como, perante ele, tranquilizaremos o nosso coração; ²⁰pois, se o nosso coração nos acusar, certamente, Deus é maior do que o nosso coração e conhece todas as coisas.

[11] A mensagem do evangelho jamais mudou desde que foi entregue pelos apóstolos de Cristo. Isto se aplica à doutrina sobre a divindade de Jesus Cristo (2:24) e também à conduta ética dos cristãos. Os cristãos ouviram **desde o princípio: que nos amemos uns aos outros** (veja João 13:34; 15:12, 17). De fato, conforme indicado em 2:7ss., esse foi o “novo mandamento” de Jesus. Quando falsos mestres trouxeram doutrinas novas e esotéricas (secretas) sobre fé e moral, o fato de serem “novidades” já era um forte argumento para refutá-las.

[12] O amor que os cristãos aprenderam desde o princípio contrasta com o ódio manifestado pelos filhos do mundo. Um bom exemplo do que a falta de amor pode fazer é o primeiro caso de assassinato na Bíblia. Não devemos ser como **Caim, que era do Maligno e assassinou a seu irmão**. Caim mostrou que era filho de Satanás através da ação de matar seu irmão (Gênesis 4:1–11). Esta ilustração é pertinente ao ensino de João sobre o amor (como ele mostra nos versículos 14a e 15) porque o oposto do amor é o ódio, e o ódio leva ao assassinato.

Mas João tem outro ponto em mente. As atitudes dos dois primeiros irmãos tornam-se os arquétipos das duas famílias existentes neste mundo – os filhos de Deus e os filhos do mundo. Caim, embora fosse irmão de Abel na carne, era moralmente um filho do diabo (2:13, 14; 5:18, 19). Essa filiação manifestou-se pelo seu ato homicida. A palavra grega usada por João para “assassinar” significa “cortar a garganta”, como de uma vítima

ou animal sacrificado (veja Apocalipse 5:6, 9, 12; 6:9; 18:24). Jesus ensinou que a atitude de ódio, que leva ao assassinato, é do diabo, “homicida desde o princípio” (João 8:44; cf. Mateus 5:21s.). Por isso, ele exibiu a atitude própria do mundo espiritual maligno. A resposta para a pergunta: **e por que o assassinou? é: porque as suas obras eram más, e as de seu irmão, justas.** Aqui se infere que mesmo antes de Caim matar Abel havia algo nas ações dos irmãos que revelava suas diferenças. Abel era justo (veja Hebreus 11:4), mas Caim não era. O mal presente na natureza de Caim não podia suportar a justiça de seu irmão, então ele o odiou e o matou. “Pois todo aquele que pratica o mal detesta a luz e não se aproxima da luz, para que as suas obras não sejam reprovadas” (João 3:20; NAA).

Há uma possibilidade, que não pode ser incontestavelmente provada, de que João escolheu Caim como representante daqueles que odeiam devido à existência de uma adoração a Caim entre os falsos mestres que João estava combatendo. Sabe-se que existiu essa seita um pouco mais tarde entre os gnósticos (Irineu, *Contra as Heresias* I, 31). Eles faziam parte dos ofitas (hebraico *naasenos*), que adoravam a serpente. A motivação era a seguinte: seguindo a crença dualista da origem do mundo, sustentavam que o Deus do Antigo Testamento era mau. Além disso, ele era um tirano que teria mantido o homem na ignorância. Portanto, a serpente na tentativa de trazer iluminação ao homem era um símbolo de justiça. Adão e Eva, assim como Caim mais tarde, estavam então justificados por se rebelarem contra Deus. Esse sistema ensinava uma inversão completa dos princípios morais do Antigo Testamento. O raciocínio era este: porque o Deus dos judeus é mau, tudo o que ele diz ser bom deve ser considerado mau e tudo o que ele proíbe deve ser feito ou concedido. Cristo como redentor estava apenas completando o que a serpente havia começado. Alguns acham improvável que esse sistema tenha se desenvolvido já na época de João, mas é possível que os indícios dele já estivessem ali.

[13] O ódio de Caim por seu irmão justo é característico do mundo ao qual ele pertencia. Por isso, João diz aos cristãos: **Irmãos, não vos maravilheis se o mundo vos odeia.** O mundo ao qual Caim pertencia é o mundo que ainda pertence a Satanás (2:15ss.), ao qual pertencem os pecadores e os homens maus. O mesmo contraste entre as ações de Abel e de Caim ainda existe entre os

justos e os ímpios. Os ímpios não podem suportar a justiça dos homens bons e os odeiam, assim como agiu Caim com seu irmão. Jesus advertiu: “Se o mundo vos odeia, sabeis que, primeiro do que a vós outros, me odiou a mim. Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; como, todavia, não sois do mundo, pelo contrário, dele vos escolhi, por isso, o mundo vos odeia” (João 15:18, 19). Esse ódio faz com que o mundo traia sua verdadeira condição tornando-se filhos do diabo. Lenski provavelmente está correto ao salientar que João inclui no mundo os falsos mestres ou profetas (2:19ss.; 4:1) que procuravam destruir a comunhão dos irmãos.

[14] Do contraste entre o mundo e a igreja ou entre os filhos de Deus e os filhos do diabo, João passa para o contraste entre os princípios que regem cada grupo – o da morte e o da vida: **nós sabemos que já passamos da morte para a vida.** A prova disso é **porque amamos os irmãos.** Nascer de Deus é fundamentalmente viver em novidade de vida. A morte é o verdadeiro estado de quem está em pecado, por isso **aquele que não ama permanece na morte.** Paulo falou daqueles que estavam “mortos nos vossos delitos e pecados” (Efésios 2:1s.). Essas pessoas estão mortas porque seus pecados as separaram de Deus e as levaram à condenação à segunda morte, que é o castigo eterno (Mateus 25:46; Apocalipse 20:14, 15).

Os cristãos, por outro lado, **já passaram** (ou saem) **da morte para a vida.** O verbo está no tempo perfeito – passaram para um estado em que permanecem vivos. Eles mudaram de um reino para outro. Essas palavras ecoam o ensino de Jesus em João 5:24: “Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida”. Jesus é apresentado por João como “o Verbo da vida” (1 João 1:1), “a vida eterna, a qual estava com o Pai” (1:2). E ele frequentemente reitera que essa mesma qualidade de vida (vida eterna) pertence agora ao crente (2:25; 5:11, 13).

A nova vida que os nascidos de Deus possuem não é discernível em si mesma. Vida e morte não são substâncias visíveis. São discerníveis apenas pela atividade que produzem. O fato de termos passado da morte para a vida se manifesta no amor que temos pelos irmãos. O cristão cujo hábito de amar os outros, até seus inimigos, está criando raízes em seu coração pode tomar isso como uma

prova óbvia de que ele fez a travessia para o reino da **vida** e nele permanece. Aquele, por sua vez, que odeia ou **que não ama permanece na morte**. Está perdido no pecado e sob condenação de morte.

[15] João fala agora diretamente (v. 15) do ódio como o oposto do amor pelos irmãos: **Todo aquele que odeia a seu irmão é assassino**. Como diz Plummer: “A crise causada no mundo pela chegada da luz não deixa nenhum terreno neutro. Tudo é luz ou trevas, de Deus ou do maligno, da igreja ou do mundo, amor ou ódio. Um cristão não pode ser alguém que não ama nem odeia, assim como uma planta não pode crescer e morrer ao mesmo tempo”. A palavra grega equivalente a “assassino” é “homicida” (*anthrōpoktonos*, usada aqui e em João 8:44). A equação “ódio é assassinato” está evidentemente vinculada ao ensino de Jesus em Mateus 5:22–30. O ódio ou o desprezo por uma pessoa leva ao assassinato, sendo a ele igualado.

Este fato auto-evidente os cristãos já sabem – **ora, vós sabeis**. Nenhum destruidor da vida pode ser co-participante da vida de Deus que está oculta em Cristo: **todo assassino não tem a vida eterna permanente em si**. João conecta as ideias de **vida eterna** e **permanente**, que ele já havia usado várias vezes. A **vida eterna** é qualitativa e descreve a nova vida que se manifesta em Jesus Cristo e da qual o crente participa (veja os comentários sobre 1:2; 2:25; 5:11, 13, 20). **Permanente** é uma das palavras favoritas de João (veja nota em 2:6) e é uma das palavras que expressam o tema da comunhão ou relacionamento íntimo com Deus. Quem vive neste relacionamento com o Deus de amor dificilmente pode abrigar ódio em seu coração. Os falsos mestres cuja doutrina permitia aos cristãos agir com ódio mostraram-se promotores exatamente do que é oposto à vida – assassinato. A situação particular que João está enfrentando é provavelmente o ego-centrismo gnóstico que negava a importância dos irmãos.

[16] Depois de contrastar o amor e o ódio, João passa a definir o amor acerca do qual ele vem percorrendo. A maior demonstração de amor, a expressão máxima pela qual **conhecemos o amor**, isto é, pela qual sabemos o que o amor realmente é ou significa, é **que Cristo deu a sua vida por nós**. Compare 1 João 3:16 com o Evangelho de João 3:16: “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”. João extrai esses dizeres das palavras de Jesus que

ele havia registrado: “O bom pastor dá a vida pelas ovelhas” (João 10:11) e “Por isso, o Pai me ama, porque eu dou a minha vida para a reassumir. Ninguém a tira de mim; pelo contrário, eu espontaneamente a dou” (João 10:17, 18a). Esta afirmação da morte voluntária de Jesus em favor de todos se repete de outras formas em muitas passagens (Marcos 10:45; Gálatas. 4:1; Tito 2:14; Hebreus 10:8–10). A preposição *huper* (por) há muito é reconhecida como tendo um significado substitutivo. Um ponto especial nesta passagem é o contraste com Caim. Seu ódio o levou a tirar a vida do irmão. Jesus ama as ovelhas como o bom pastor e dá a vida por elas. A doação da própria vida de Jesus por nós é a medida do verdadeiro amor.

Por trás do sacrifício que Jesus fez de si mesmo pelos pecados do mundo está um Deus santo morrendo pelo homem pecador e injusto. Em Romanos 5:6–10, Paulo comenta a singularidade desse amor. Evidentemente, a imitação desse amor por parte do discípulo constitui a “novidade” do “novo mandamento” de Jesus aos seus discípulos de amar uns aos outros “assim como eu vos amei” (João 13:34; 1 João 2:7ss.). Quando olhamos para o amor de Cristo, vemos o que o amor realmente é; por isso **conhecemos o amor**. E quando estendemos esse amor aos nossos semelhantes, o ato máximo seria morrer por eles assim como Cristo morreu por nós. Por isso, **devemos dar nossa vida pelos irmãos**. Jesus havia ensinado que não poderia haver amor maior do que este (João 15:13).

Versões mais antigas diziam: “Nisto conhecemos o amor, *porque* Cristo deu a sua vida por nós”. A palavra grega *hoti* pode ser traduzida por “que” ou “porque”. Neste caso, “que” está mais de acordo com o estilo usual de João.

[17] A prova do amor máximo por um irmão é dar a vida por ele. Mas este é um teste que, por natureza, poucos seriam chamados a prestar. Existe um teste muito mais comum e prático, que todos podem ser chamados a realizar, é o da filantropia cristã – compartilhar os recursos deste mundo que possuímos com os necessitados. João diz: **Ora, aquele que possuir recursos deste mundo, e vir a seu irmão padecer necessidade, e fechar-lhe o seu coração**, está reprovado no teste do amor de uma maneira muito concreta e prática. João talvez tivesse em vista as oportunidades diárias de ajudar um irmão. Poderia ser ajudar missionários itinerantes, como os mencionados em 3 João, que Diótrefes se recusou a receber.

Se alguém, tendo recursos, não ajuda um irmão necessitado **como pode permanecer nele o amor de Deus?** A expressão **amor de Deus** significa (como em 4:20) o amor de alguém por Deus. Como alguém pode alegar amar a Deus e não amar seu próximo? João mais tarde apresentará o caso hipotético de um homem que tem dinheiro, vê um irmão necessitado, mas não ajuda, enquanto ainda afirma amar a Deus (4:20). E João mostrará qual é a base do amor humano por seu semelhante: “Nós amamos porque ele nos amou primeiro” (4:19). O amor humano tem uma qualidade especial porque está fundamentado no amor de Deus. Nosso amor por Deus só faz sentido pleno se o expressarmos no relacionamento que desenvolvemos com os outros.

O Antigo Testamento está especialmente repleto de admoestações para o povo de Deus se lembrar dos pobres (Levítico 19:10; Provérbios 19:17; Salmos 41:1; Amós 4:1). Jesus ensinou esse dever e deu exemplo em sua vida pessoal (Marcos 10:21; Lucas 6:20; 14:13). Paulo lembrou que Jesus havia dito que “mais bem-aventurado é dar do que receber” (Atos 20:35). A igreja recebeu instruções especiais nesse sentido (Tiago 1:27; 2:1–16; 1 Timóteo 5:16; Efésios 4:28). Mas não é só na filantropia e na compaixão humana que essas admoestações devem ser vistas. Elas também devem ser vistas à luz da cruz. Amamos porque Deus nos amou e porque somente assim expressamos o que o amor de Deus significa enquanto habita em nós.

A expressão em grego traduzida por “recursos deste mundo” é literalmente “vida” (*bios*), uma palavra que muitas vezes, como aqui, significa os meios de vida, ou seja, bens materiais deste mundo (veja 2:16). E a palavra grega traduzida por “fechar o coração” é literalmente “intestinos, entranhas”, pelo fato de que os intestinos eram considerados a sede da compaixão. Os melhores manuscritos contêm o verbo no futuro: Como o amor de Deus permanecerá nele?

[18] A última admoestação de João neste ponto com respeito ao dever de amar é paternal: **Filhos, não amemos de palavra, nem de língua.** Ele quer dizer que não devemos amar só da boca para fora. Não devemos demonstrar amor só pelo que dizemos, mas pelo que fazemos: **mas de fato e de verdade.** Plummer contrasta o amor **de palavra** com o amor **de língua**, explicando que o primeiro é um amor sinceramente sentido, porém só é expresso (fraco demais para ser traduzido em ação),

enquanto o segundo denota um amor professado sem sinceridade, um amor expresso, porém não realmente sentido. A maioria dos comentaristas rejeita essa interpretação por ser sutil demais e considera o amor **de palavra** ou **de língua** sinônimos de professar um amor que é falado, mas nunca colocado em ação (veja Tiago 2:15). Em contraste com a caridade só de palavras, João diz que devemos amar **de fato** (em ação) e **de verdade** (na realidade), com um amor que se mostra verdadeiro por ação.

[19 e 20] Em seguida, João destaca a confiança que o amor de Deus nos dá na oração, mesmo **se o nosso coração nos acusar**. Os versículos 19 e 20 são um pouco difíceis devido às diferenças textuais e à obscuridade do significado pretendido por João. As versões em português apresentam poucas diferenças. Comparando a versão acima (RA) com a RC, KJV e NVI, concluímos que a solução da RA é a preferida, ou seja, João está dizendo que “(amando os outros) saberemos que somos da verdade e tranquilizaremos nosso coração em relação a tudo que (ou sempre que) nosso coração nos condenar, porque Deus é maior que o nosso coração (e assim nos perdoará)”.

O versículo 20 faz parte do período gramatical iniciado no versículo 19. Sabendo que temos amor, “asseguraremos” (RC) **o nosso coração**, se este **nos acusar**. Nessa interpretação do grego, a segunda frase significa mais literalmente “em relação a tudo o que o nosso coração nos condenar”. A condenação diz respeito às falhas acusadas por nosso coração. A razão pela qual asseguraremos ou tranquilizaremos nosso coração é que **Deus é maior do que o nosso coração e conhece todas as coisas**. (No grego *pois* também pode ser entendido como “asseguraremos o nosso coração... [de] que Deus é maior”.) Mesmo na dúvida, sabemos que Deus sabe mais do que o nosso coração: ele conhece nossas intenções, sabe que amamos e temos boas intenções, e perdoará e fará concessões como prometeu, mesmo quando o nosso próprio coração não pensar assim. Paulo ensina algo semelhante a isso em Romanos 8:26, quando diz que o Espírito que habita em nós, cuja mente Deus conhece, sonda o coração e sabe do que precisamos e intercede por nós e ajuda em nossas enfermidades.

O significado então é o seguinte: o resolutivo ideal de amor e fé cristã estabelecido a partir de 2:28 não dá lugar a complacência [isto é, satisfação consigo mesmo] da parte do cristão sincero. Diante

desse elevado padrão, que coração não confessaria que falha e não se condenaria? Por mais que tentemos, quem ousaria se declarar sempre “justo como ele é justo” ou que sempre “se purifica como ele é puro”? Como alguém ousaria afirmar que nunca cometeu pecado? Sabendo que estamos aquém desse padrão, como poderíamos ter a confiança mencionada por João em 2:28? A resposta, evidentemente, é que, num sentido absoluto e no que depender de nós, não podemos. Todavia, a glória do caminho de Cristo está justamente em ser possível ao filho de Deus ter essa confiança.

João acabara de falar da atitude que devemos ter em relação ao nosso irmão. Se passarmos pela prova do amor “de fato” e “de verdade” partilhando o que temos, mesmo com o risco de dar a vida pelos irmãos, **nisto conheceremos que somos da verdade**. Se, em meio aos nossos vacilos, encontrarmos em nosso coração e em nossas ações o tipo de amor sobre o qual Jesus falou, podemos ter certeza de que pertencemos à verdade do evangelho. “Todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus” (1 João 4:7b). “Se amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós” (1 João 4:12). O amor que Deus depositou no ser humano por meio de Cristo não é natural neste mundo. Quando percebemos que esses sentimentos criaram raízes em nosso coração e se manifestam em nossas vidas, então sabemos que somos da verdade. E assim, **perante ele, tranquilizaremos o nosso coração**. Quaisquer que sejam nossas apreensões por não estarmos à altura do padrão de Deus, o conhecimento de que realmente desenvolvemos o amor nos dá paz ou nos tranquiliza. Veja a palavra *peitho* nos sentido de satisfazer ou pacificar em Mateus 28:14.

A CONCLUSÃO DA EXORTAÇÃO, 3:21–24

Na conclusão da segunda parte principal de sua epístola, João menciona três coisas que não parecem inter-relacionadas, mas que se relacionam com os principais temas da epístola. Primeiramente, João amplia a menção da confiança do crente perante Deus incluindo a resposta à oração (vv. 21, 22). Em seguida, ele combina os dois temas de crer que Jesus é o Filho de Deus e amar uns aos outros como o mandamento de Cristo (v. 23). Por último, ele confirma a comunhão daqueles que cumprem os mandamentos por terem o Espírito Santo (v. 24).

Deus responderá às orações, 3:21, 22

²¹Amados, se o coração não nos acusar, temos confiança diante de Deus; ²²e aquilo que pedimos dele recebemos, porque guardamos os seus mandamentos e fazemos diante dele o que lhe é agradável.

[21] Se o nosso coração nos condenar, podemos tranquilizá-lo pelo fato de que, apesar de nossos erros, o amor que temos praticado comprova que somos da verdade. E **se o coração não nos acusar, temos** ainda maior **confiança diante de Deus!** Se vivermos com a consciência limpa, isso, juntamente com o conhecimento de que temos a atitude certa de amor, deve nos proporcionar grande confiança ou ousadia. Se perante Deus podemos persuadir a consciência a nos absolver, quando ela nos reprova, muito mais confiança podemos ter perante ele, quando ela *não* nos acusa. Compare com 2:28, onde João falou de termos confiança na vinda de Jesus Cristo. Se tivermos essas atitudes, não temeremos nem a vinda do Senhor nem a morte. João quer que seus leitores saibam que podem desfrutar dessa segurança e confiança.

A palavra *parrësia* normalmente significa franqueza, sinceridade, clareza na fala sem nada omitir nem evitar (cf. Marcos 8:32; João 7:13; Atos 2:29). Mas seu significado secundário é abertura, coragem, confiança ou segurança, especialmente na presença de pessoas de alto escalão. *Parrësia* é usada muitas vezes a respeito de pessoas (Atos 4:13; 2 Coríntios 7:4) ou, como aqui, a respeito de Deus (Jó 27:10, Septuaginta; 1 Timóteo 3:13; Hebreus 10:35). Usada no contato íntimo, a preposição *pros* tem sido chamada de preposição “face a face”. Compare com “o Verbo estava *com* Deus” (João 1:1). A confiança do cristão deve ser de tal forma que, na expectativa de estar face a face com Deus no julgamento, ele pode ter a feliz e destemida confiança de que será por ele aceito. “O perfeito amor lança fora o medo” (1 João 4:18).

[22] Também podemos ter confiança na resposta de Deus àquilo que pedimos, ou seja, nossas orações. Filhos que vivem confiantes na comunhão que têm com o Pai não terão seus pedidos recusados em oração. Portanto, a **confiança** (ousadia) mencionada no versículo anterior significa que recebemos dele tudo o que pedimos. É claro que João

pressupõe aqui que outros requisitos determinantes para que a oração seja aceita já foram cumpridos (veja 5:14, 15). Precisamos ter plena segurança de que somos da verdade. Essa segurança vem da palavra de Deus. A vida de oração é outra maneira pela qual podemos ter certeza de que Deus está nos tratando como filhos. Quando estamos face a face com ele em oração, nossos pedidos são atendidos. A palavra de Deus afirma claramente que Deus ouve seus filhos. “Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei, e abrir-se-vos-á” (Mateus 7:7). Compare também com Marcos 11:24; Lucas 11:9–13; João 14:13; 15:7; 16:23; Tiago 1:5; 4:3.

Nesse contexto, João está pensando particularmente na obediência ao novo mandamento do amor e no que isso significa eticamente na nossa vida diária. A resposta à oração não ocorre porque Deus nos responde por termos uma consciência interior que é reta ou limpa. Deus responde nossas orações porque a nossa consciência comprova que **guardamos os seus mandamentos e fazemos diante dele o que lhe é agradável**. A consciência limpa e a justiça são dois lados da mesma moeda. Veja mais sobre a ideia de que Deus ouve as orações dos justos em Provérbios 15:29; Salmos 66:18s.; Jó 27:8s.; Isaías 1:11–15.

Creiamos em Jesus; amemos nossos irmãos, 3:23

²³Ora, o seu mandamento é este: que creiamos em o nome de seu Filho, Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros, segundo o mandamento que nos ordenou.

[23] Tomando por base o raciocínio anterior, alguém poderia argumentar que João ensinou que ter uma vida religiosa por si só – uma vida especialmente centrada na forma externa ou nos mandamentos de Jesus – é tudo o que precisamos para que Deus ouça a nossa oração. Mas João já tinha escrito muito sobre a fé em Jesus Cristo como pré-requisito para a comunhão com Deus. Assim, seguindo seu estilo de repetir e provavelmente para evitar mal-entendidos, ele esclarece a questão: **Ora, o seu mandamento é este: que creiamos em o nome de seu Filho, Jesus Cristo**. O primeiro passo para seguir Jesus é crer na doutrina correta sobre ele.

João usa o caso dativo após o verbo crer: “crer em” ou “dar crédito a”. Esta é a única vez que João usa em seus escritos essa construção. O estilo habi-

tual de João ao mencionar a fé na pessoa de Jesus é *pisteuō eis*, “crer nele”. O dativo aqui provavelmente é usado porque ele não está falando de fé na pessoa de Jesus, mas de confiança sincera no **nome de seu Filho**. Crer no **nome** de alguém significa acreditar em tudo o que seu nome representa. Em relação a Jesus, significa a revelação sobre ele, suas alegações sobre sua pessoa e obra: sua divindade, filiação, encarnação, senhorio, cristianidade, seu papel como salvador. Ninguém, como os falsos profetas que estavam perturbando a cena naquele momento, que negasse as alegações de Jesus de que ele era o Cristo, o Filho de Deus que havia vindo em carne, poderia dizer que guardava os mandamentos e fazia o que lhe é agradável. E João não prometerá nada relativo às orações desses incrédulos. A fé em Jesus como parte do serviço ou obra de Deus é expressa também no Evangelho de João: “A obra de Deus é esta: que creiais naquele que por ele foi enviado” (João 6:29). A referência a crer aqui serve também para introduzir este assunto que constitui a maior parte das seções restantes da epístola. Observe outras referências: 4:1ss.; 4:16; 5:1, 5, 10 (três vezes), 13.

No segundo dos dois mandamentos, João enfatiza e repete o assunto que está concluindo: **e nos amameos uns aos outros, segundo o mandamento que nos ordenou**. Para ser agradável a Jesus Cristo devemos especialmente ter em mente e guardar a pura fé em Jesus Cristo, e devemos tornar real em nossas vidas o novo mandamento de Jesus de amar uns aos outros.

A Posse do Espírito Santo, 3:24

²⁴E aquele que guarda os seus mandamentos permanece em Deus, e Deus, nele. E nisto conhecemos que ele permanece em nós, pelo Espírito que nos deu.

[24] João usou variadamente o singular e o plural da palavra **mandamento**. Sempre que tem em vista um preceito particular, como a fé em Jesus ou o amor aos irmãos, ele usa o singular. Mas quando está pensando em termos gerais, usa o plural. Quando diz que **aquele que guarda os seus mandamentos permanece em Deus, e Deus, nele**, João está dando continuidade ao pensamento do versículo 22.

O uso dos termos **permanece em Deus, e Deus, nele** lembra o que ele já tinha dito sobre a

união e comunhão dos discípulos com o Pai e o Filho (veja 1 João 2:5, 6, 14, 24; 3:6). Alguém poderia falar da permanência mútua da Divindade em nós e nós nela (João 14:20), mas a condição dessa união e comunhão implícita nesses termos é a obediência ou sujeição aos mandamentos de Deus. “Se alguém me ama, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada. Quem não me ama não guarda as minhas palavras” (João 14:23, 24).

Uma das características literárias desta epístola é lançar uma frase ou expressão no fim de uma exposição não particularmente relacionada ao tema em discussão, e depois retomá-la e enfatizá-la mais adiante no texto. Assim, depois de declarar que a prova da permanência divina é o fato de guardarmos seus mandamentos, João acrescenta uma ideia completamente nova: **E nisto conhecemos que ele permanece em nós, pelo Espírito que nos deu.**

João já havia falado da unção referindo-se ao recebimento do Espírito Santo (2:20, 27). Agora ele acrescenta que outro meio de saber que **permanecemos no Pai** é pelo Espírito que nos foi dado (veja também 4:13). A promessa de enviar o Espírito Santo está contida no ensino de Jesus (Lucas 11:13; João 14:17; 16:7–15). Especialmente no Evangelho de João, o Espírito é o representante do Senhor que deve permanecer com os discípulos para sempre (João 14:16). Há duas funções do Espírito.

A primeira é conceder dons milagrosos, através da imposição das mãos dos apóstolos (veja Atos 8:17, 18; 19:6), com o propósito de confirmar a verdade do evangelho (Hebreus 2:4; 1 Coríntios 14:22). Um desses dons era a profecia, ou pregação inspirada. A segunda dessas funções é a habitação do Espírito Santo, pela qual o cristão mortifica as obras do corpo (Romanos 8:13) e pela qual lhe são garantidas intercessão e juda (Romanos 5:5; 8:26; Atos 2:38; 5:32; Gálatas 4:6; 2 Timóteo 1:14).

Essa obra do Espírito Santo é considerada por João uma experiência de fato. Da mesma forma, Paulo perguntou aos cristãos gálatas: “Recebestes o Espírito pelas obras da lei ou pela pregação da fé?” (Gálatas 3:2). João fala dessa experiência como prova de que Deus está habitando em nós e nós, nele. Compare também com 4:13: “Nisto conhecemos que permanecemos nele e ele, em nós: em que nos deu do seu Espírito”.

Essa experiência do Espírito Santo, no entanto, é facilmente deturpada. Na igreja do Novo Testamento essa deturpação resultou na confusão em Corinto sobre o exercício de dons milagrosos (1 Coríntios 12–14). É bem possível que o mesmo desvio tenha ocorrido nas igrejas da Ásia Menor. A seguir, João adverte os irmãos para que não deem crédito ao que um espírito alega e argumenta que essas alegações devem ser postas à prova pela palavra de Deus.

Autor: J. W. Roberts
© A Verdade para Hoje, 2022
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS